



A FILOSOFIA E A VIDA MILITAR

Capitão-de-Fragata (MD) Álvaro Claro de Paiva Dias Negrão¹

INTRODUÇÃO

A Escola Naval garante uma formação filosófica para os futuros Oficiais da Marinha do Brasil através da disciplina de História do Pensamento Humano (HPH). Essa disciplina é ministrada aos Aspirantes do primeiro ano, desde o ano 2000, e seu objeto de conhecimento é a história da filosofia. Em um contexto geral, o ensino de filosofia frequentemente causa estranheza a uma quantidade considerável de pessoas, basicamente pela dificuldade em se perceber, de modo imediato, uma “utilidade” que o justifique. Estranheza maior pode ser experimentada por alguns, no que diz respeito ao ensino de filosofia em uma instituição de formação militar.

Não é difícil reconhecer a relevância da filosofia em uma esfera mais ampla, na medida em que se dê conta de que ela promove o exercício do bom e correto senso através da reflexão crítica e lógica sobre inúmeros

assuntos. Já o reconhecimento da importância da filosofia em uma escola militar requer uma consideração algo mais sofisticada. De qualquer modo, esse reconhecimento é facilmente alcançado através da compreensão de alguns exemplos de reflexões filosóficas aplicadas a algumas esferas da vida militar em geral, e da vida naval, em particular. O presente artigo irá brevemente abordar pontos como juramento, oficialato e como a reflexão crítica catalisa as relações entre tradição e modernidade. Nesses pontos, a filosofia se infiltra no pensamento militar, podendo mesmo corresponder à sua base.

JURAMENTO

A palavra “juramento” foi incorporada à língua portuguesa a partir do termo, em latim tardio, *juramentu*. O substantivo latino já pode ser encontrado em textos escritos por Plutarco, Suetônio, Lucrécio, Cícero, Sêneca e mesmo nas “*Meditações*” do general, imperador romano e filósofo estoico, Marco Aurélio. O significado do substantivo usado pelos romanos é praticamente o

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); graduado em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

mesmo do português contemporâneo: promessa solene, ideal absoluto, doutrina a ser devotada, etc. Contudo, o termo romano é uma possível tradução de um termo grego *ὄρκος* – (*Órkos*), provavelmente efetuada muitas décadas antes da grande consolidação do idioma latino, que ocorreu de Cícero em diante.

Nos textos gregos, desde o período homérico (assim como nos períodos anteriores, tanto na forma jônica quanto na dórica), o substantivo *ὄρκος* traduz um conceito muito mais denso do que uma simples “promessa solene”. A raiz etimológica do termo é muito antiga, existente séculos antes do aparecimento da própria filosofia. A maioria dos lexicógrafos do idioma grego antigo crê em um vínculo direto com “Orco”, uma entidade divina do submundo, muito temida por ser extremamente aterrorizada ao próprio Hades e seu reino dos mortos.

Nesse contexto original (que não era desconhecido pelos filósofos da Grécia Antiga), um juramento tinha o significado de esconjurar algo a um poderoso nume das esferas infernais. Desse modo, o significado primeiro não é uma simples “promessa solene”, mas a afirmação de alguma coisa perante o testemunho de uma divindade formidável. A quebra dessa afirmação traria, imediatamente, consequências de um horror além da imaginação humana. Para muitos dos antigos gregos (Hipócrates, por exemplo), jurar era amaldiçoar a si próprio. Isso porque o sujeito abria mão de todo o querer individual e se acorrentava, para a eternidade, ao que havia afirmado a Orco.

A natureza mítico-religiosa do juramento modificou-se após o surgimento da filosofia, especialmente após o período tardio (romano) do estoicismo. O terror sobrenatural do juramento se transformou em compromisso ético. O medo religioso cedeu lugar ao senso filosófico de moral. Seja como for, apresenta-se como uma percepção muito forte para a consciência de cada um. Sempre engalanadas, as Cerimônias de Entrega de espadas e espadins aos nossos futuros Oficiais são momentos filosóficos. Nossos jovens não juram por medo, mas por postura filosófica, juram pela vontade de cumprir um compromisso moral com o Brasil.

OFICIALATO

Oficialato não é um conceito militar, mas filosófico. Os filósofos estoicos da Grécia Antiga (com destaque para Zenão de Cítio) acreditavam que, para se alcançar a felicidade, os seres humanos deviam seguir sua própria natureza. Muito além de Aristóteles (que defi-

niu a racionalidade como o cerne da natureza humana) e muitos séculos antes de Kant (que havia considerado o senso humano de moral como um imperativo categórico), os estoicos determinaram que a natureza do homem era a de um ser racional e moral. Consequentemente, seria impossível a um sujeito ser feliz sem a execução de “ações moralmente corretas”.

A partir desse ponto, os filósofos estoicos estabeleceram um novo conceito. A ação moralmente correta recebeu o nome de *Καθήκον* – (*Kathêkon*); termo que pode ser traduzido para o latim *Officium*, e que derivou substantivos como “Oficialato” e “Oficial”. É curioso reparar como “Oficial” (na acepção militar da palavra) é traduzido para o inglês como *Officer*, para o francês como *Officier*, para o alemão como *Offizier* – o sufixo destacado já indicando que se trata de um agente, de um executor; e não de um estado ou condição. Antes do estoicismo praticado no Império Romano (não por acaso a maior potência militar de todos os tempos), já havia o conceito de “chefe militar”, mas não o de “Oficial Militar”.

No interior de um conjunto militar, qual seria a diferença entre um combatente “Oficial” e outro que não possui tal *status*? Oficial não é aquele que possui mais dinheiro, nem mais conhecimento, nem mais liderança, nem mais bravura. Um Oficial é um elemento diferenciado dos demais porque ele é a referência, reserva e salvaguarda moral de todos os outros militares a ele relacionados. A responsabilidade moral, imprescindível ao Oficialato, não é somente funcional, mas, sobretudo, filosófica.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Em qualquer atividade cultural, existe um balanço entre tradição e modernidade. Balanço nem sempre tranquilo, tendendo mesmo, na maior parte das vezes, a um conflito. A tradição pode ser tomada como retrógrada; e a modernidade, como subversiva. Para uma instituição militar, como a Marinha do Brasil, é imperativo que esse balanço não somente seja isento de conflitos, mas que, sobretudo, ofereça à nação uma absoluta confiança.

No dia a dia, muitos militares podem não perceber integralmente que a chave para a solução de questões que concernem ao tema “tradição *versus* modernidade” é a adoção de uma postura crítica; a análise dos limites e das possibilidades de um determinado ponto em questão. Frequentemente interpretada como simples “bom senso”, trata-se de uma postura racional, reflexiva. Preparar filosoficamente os nossos Aspirantes para sistematicamente pensar de modo crítico é as-

segurar a continuidade de toda a história de equilíbrio entre tradição e modernidade da Marinha do Brasil.

CONCLUSÃO

A filosofia por vezes parece algo decorativo, distanciado do dia a dia, especialmente daqueles

que são preparados para combater e garantir a integridade da nação. Mas a vida militar está cercada de filosofia por todos os lados. Juramentos, ações morais, reflexões críticas são armas invisíveis. A filosofia não fortalece a Marinha do Brasil. Quem fortalece a MB são seus militares. A filosofia apenas fortalece os militares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDWARDS, P. *The Encyclopedia Of Philosophy*. London: Macmillan, 1967.

COPLESTON, F. *A History of Philosophy*. New York: Doubleday, 1947.

INWOOD, B. *The Stoics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HISSLER, S. *Das Militar in der Postmoderne: Elemente des Wandels*. Berlin: Grin, 2001.

MIGNOT, B. *Il etait une fois des Militaires: Chronique d'une Mutation*. Paris: L'Harmattan, 2009.

SHERMAN, N. *Stoic Warriors: The Ancient Philosophy Behind The Military Mind*. New York: Oxford University Press, 2005.



AMAZUL

Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A.

TECNOLOGIA NUCLEAR EM BENEFÍCIO DA SOCIEDADE

A Amazul – Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A. foi criada para promover, desenvolver, transferir e manter tecnologias sensíveis às atividades do Programa Nuclear Brasileiro, Programa Nuclear da Marinha e Programa de Desenvolvimento de Submarinos.

Para cumprir seus objetivos no setor nuclear, a Amazul tem competência para atuar em desenvolvimento de novas tecnologias, gestão de pessoas e de conhecimento, comercialização de produtos, prestação de serviços técnicos, consultoria em licenciamento nuclear, gerenciamento de projetos, implantação e gestão de empreendimentos e operação de instalações.

A empresa também desenvolve projetos nas áreas de medicina nuclear, proteção radiológica e acústica submarina.